

Fernando Henrique de Passos

HORAS DE TREVAS, HORAS DE LUZ
(Registos de uma depressão intermitente)

Universitária Editora
2003

FERNANDO HENRIQUE DE PASSOS: DO ESPÍRITO DIONISÍACO AO ESPÍRITO APOLÍNEO

A história da poética no Ocidente contempla um princípio que sempre lhe foi essencial. Esse princípio, que mais parece uma contradição pelos atributos que contém, é um princípio metafísico, pois radica-se em dois pressupostos ambivalentes que tiveram origem no seio da cultura e do pensamento gregos, em particular no que respeita à concepção formal e ideológica da Tragédia. Este género de representação teatral tornou-se caro à civilização ocidental pelas raízes profundas que daí advieram, as quais conheceram um desenvolvimento meteórico desde a Alta Antiguidade até à época moderna. Esses dois princípios de que falávamos unificam-se numa dimensão espiritual que lhes é comum, apesar da sua aparente contradição: referimo-nos à relação do *espírito dionisíaco* com o *espírito apolíneo*.

Esta relação complexa, a qual nunca deixou de ser uma relação espiritual, e pelo facto de ter merecido uma sistematização teórica (por vezes discutível) desenvolvida por um pensador como Nietzsche, tem servido para compreender, explicar e interpretar uma expressão significativa do fenómeno literário contemporâneo, sobretudo no que diz respeito à estesia poética e às suas implicações, quer culturais, quer psicológicas. A combinação entre a Tragédia Clássica e a Poesia, permitiu o aparecimento de um grande número de correntes poéticas que souberam extrair dessa sabedoria trágica (para usarmos uma expressão de Gabriel Marcel) uma porção significativa dos seus fundamentos filosóficos. Na verdade, a poesia deve à Tragédia muita da sua essência espiritual, assim como também muito do seu dramatismo. Se pensarmos então nessa dicotomia, igualmente dramática, entre o espírito apolíneo e o espírito dionisíaco, o contributo da Tragédia para a Poesia torna-se absolutamente incontornável.

Há uma voz que se desprende do fundo, possuída por uma verdade ancestral, essa mesma voz que Homero ouvira, e que Camões também ouviu identificando-a com a das Tágides. Mas também há Baco e Apolo, com o seu poder de deuses imortais, apesar dos defeitos que o Ocidente lhes reconheceu desde que teve consciência da sua promiscuidade e da sua vilania. E porquê Baco e Apolo? Porque Baco representa a embriaguez e a obscuridade. Apolo, por sua vez, é o símbolo do equilíbrio e da luminosidade. Dito desta maneira, mais parece que ambos se opõem de uma forma violenta e que estão de costas voltadas um para o outro. De facto, há na simbologia destes dois seres divinos uma profunda oposição, mas depreende-se dessa oposição uma continuidade e uma coerência que jamais permitirão separá-los. Dir-se-ia que um não pode viver sem o outro, tal como dois gémeos diferentes que se completam na sua diferença.

Se Baco é o deus do vinho e da embriaguez, o instigador dos exultantes cânticos guerreiros, isso quer dizer que há uma parte da humanidade que permanece incólume aos desígnios da razão. O mesmo poderíamos dizer da

arte da poesia: é a embriaguez que a move e tonifica; é na sombra que refulge e se extasia. Quanto a Baco, que é a divindade da noite, do êxtase e do excesso, podemos dizer que há nele algo que nos repugna e nos atrai. Explica-se em parte, desta maneira, esse fenómeno quase incompreensível que consiste na atracção pelo abismo. Nesta atitude desesperada perante a inebriante imensidão do abismo, encontramos um princípio de interrogação e de despojamento face ao mistério do desconhecido. Esta atracção por aquilo que se não conhece nem se explica, nem sempre corresponde ao desejo do suicídio. Trata-se de outra manifestação da morte, a qual está longe de corresponder à singela banalidade de uma morte física. À semelhança dos cânticos guerreiros, que exaltam a morte como um rito de passagem para outra dimensão da existência, também a poesia exulta perante o espírito imortal que jaz adormecido no coração dos homens. Explica-se assim a permanência desse espírito dionisíaco na poesia ocidental: longe de qualquer obscuridade mais esotérica, há nela todo o mistério da noite, essa noite cerrada dos tempos que permite aos poetas sondar a oculta natureza na qual coabitam com toda a casta de demónios, entre deuses superiores e inferiores. Há na natureza humana uma dimensão oculta a partir da qual a arte sobrevive. Dessa obscuridade dá-nos notícia a grande poesia universal, à qual teremos de juntar as experiências poéticas mais arrebatadoras e imortais.

É justamente a dimensão dionisíaca da poesia que nos permite considerar ser o poeta aquela entidade viva que caminha de mão dada com o demónio. Ele será aquele que caminha sempre em primeiro lugar, pois é dessa maneira que augura o seu poder, o qual é, enfim, o grande poder da poesia. Caminhar de mão dada com o demónio deve ser aqui interpretado como um estádio passageiro do processo poético, aquele momento de viragem singular que determinará a passagem ritual para o estádio apolíneo, para a luz vivificante e rejuvenescedora. Trata-se, à maneira da Tragédia Clássica, de um processo dramático que culmina num *pathos* desesperado perante a crueldade dos homens. Esse momento crepuscular representa também o inconformismo do sujeito poético perante as injustiças do mundo, circunstância que o leva a remar contra a corrente dos sistemas e das instituições estabelecidas pelo poder político. Deve-se fazer também esta leitura a propósito dessa parceria demoníaca.

Não nos será legítimo perspectivar nesse espírito dionisíaco apenas a vertente maldita do sujeito poético. Jamais o malditismo se bastou a si mesmo, como Gomes Leal, Baudelaire, Verlaine, Appolinaire, Artaud ou Aragon nos puderam demonstrar através do destino do seu trabalho poético. A condição maldita é apenas o motivo instigador da transgressão da própria palavra de modo a que esta possa chegar à sua pureza original. O grito de revolta que todo o malditismo poético sugere, mais não é do que a vontade de entregar ao mundo a verdade da sua voz interior. Os cânticos guerreiros não se limitam a ser uma manifestação bárbara, plena de um ritualismo inconsequente: essa música é uma manifestação poética de reminiscência primitiva. Porém, por mais primitiva que seja, ela possui uma ordem interior que escapa aos atributos da razão do homem contemporâneo.

A transição para o estádio apolíneo só acontece quando o sujeito poético reencontra a lucidez que havia perdido. Essa perda, consumada ao sabor dos eflúvios báquicos (e esta é uma metáfora que se aplica a inúmeras vertentes da realidade pessoal de um autor), ressurgiu com o brilho da aurora. Dir-se-ia tratar-se de uma ressurreição para a luz, a luz ofuscante do dia claro. Este processo dramático esteve sempre presente na própria génese poética. A sua ocorrência manifesta-se na poesia contemporânea porque também faz parte da condição do homem actual, seja ele poeta ou não. Mas é no poeta que melhor pode cumprir-se essa trágica, mas também benéfica, realidade. O poeta insurge-se contra o mundo e contra si próprio: ele é o mundo em mutação. Um pouco à semelhança de um Deus desconhecido, ele é também o representante da humanidade inteira.

No caso de um autor como Fernando Henrique de Passos, matemático e homem de ciência, podemos dizer que esse processo dramático se manifesta na sua trágica plenitude. E ainda bem que assim é. Caso contrário, os seus poemas deixariam de possuir o alcance universal que a palavra poética exige. Dizemos isto a propósito da publicação do livro intitulado *Horas de Trevas, Horas de Luz (Registos de uma depressão intermitente)*. Tal como o próprio título nos indica, trata-se do registo pessoal de uma experiência particular, que não deixa de denunciar, talvez sem disso se dar conta, essa dramática continuidade entre o espírito dionisíaco e o espírito apolíneo. Verifica-se neste livro o anúncio da transição de um estádio no qual domina a obscuridade crepuscular, para outro, no qual domina a luminosidade auroral. À semelhança dos eflúvios de Baco e da luz de Apolo, também estes dois estádios se completam, numa espécie de permuta metafísica, apesar da sua aparente oposição. Estes dois rostos da condição humana nem por isso deixam de pertencer ao mesmo corpo material, tal como as faces de uma moeda qualquer.

Se a depressão psicológica parece ser (é-o, de facto) um dos aspectos motivadores desta poesia, também a lucidez, aliada ao rigor da palavra (rigor que o sujeito poético do autor bebe directamente da sua formação objectiva), se nos afigura ser um elemento imprescindível para a sua compreensão. Desde há muito, reconhecemos na poesia de Fernando Henrique de Passos uma expressão rigorosamente pensada (quase fria), aliada, porém, a um cáldo e intenso lirismo. Esta aparente contradição conduz-nos a uma personalidade que jamais dispensou um exemplar complemento humanístico à sua formação científica, veiculado pela vertente literária. Não é de todo invulgar encontrarmos personalidades que se dedicam à criação poética no seio da actividade científica. O que talvez não se afigure tão vulgar na poesia de Fernando Henrique de Passos seja, não apenas o seu profundo lirismo e o seu vigilante sentido prosódico, mas também a sua personalidade complexa que o leva a contemplar o universo a partir de uma perspectiva tão particular e tão pouco usual em relação ao homem comum. Se esta poesia possui um atributo peculiar, esse atributo reside justamente no modo como o sujeito poético expressa o seu modo de ver e de compreender o real no seu despojamento e na sua desmedida verdade.

Este livro de Fernando Henrique de Passos, para além da dimensão marcadamente lírica que possui, afigura-se-nos também como o testemunho de uma experiência interior, circunstância que lhe confere também uma dimensão simultaneamente dramática e confessional. A dimensão dramática, ou teatral, reside no próprio dinamismo vocabular de cada poema. Dir-se-ia que o sujeito poético, ao colocar-se na primeira pessoa, está a tentar dialogar com o hipotético leitor; dá-se ainda o caso de o sujeito poético do autor se dirigir a um «tu», o qual talvez seja o leitor ideal, o seu mais imediato confessor. Por outro lado, esse tom confessional que aqui se encontra serve para acentuar a dimensão dramática deste livro. Essa criança que caminha, perdida no deserto, e que interroga a esfinge, no segundo prólogo deste livro, é a criança que reside no sujeito poético; mas ela representa também a humanidade inteira, essa humanidade sofredora que se submete ao mistério da vida sem que jamais o possa desvendar. Confirma-se aqui o humanismo desta poesia, a qual nos dá notícia de um profundo combate contra a obscuridade. O sujeito poético do autor mergulha incondicionalmente até ao fundo do poço para depois se levantar e erguer a cabeça para a luz acolhedora. Ele assume-se como um cavaleiro andante que combate as trevas de modo a que estas o não dominem. Não deixa de ser significativo o poema intitulado «Impressões colhidas num bar», o qual se nos afigura como o mergulho num pesadelo insuportável. Há nele a descrição de uma realidade simultaneamente real e virtual; é um espaço preenchido pela angústia e pela vertigem dionisíaca; por esse motivo exerce sobre o leitor um efeito semelhante ao da atracção pelo abismo.

Para além desse combate constante contra as trevas, o qual representa a vertente dionisíaca deste livro, o sujeito poético revela-nos ainda um outro conflito não menos significativo: o conflito com a matéria. Esta faz parte das trevas, mas também sobrevive na luminosidade apolínea; de aí o seu duplo perigo. A matéria representa o culminar de uma prisão eterna; ela é a pena que todos os homens têm de cumprir, independentemente da sua raça, nacionalidade ou condição social. Basta, para isso, que estejam vivos.

Para concluirmos esta breve reflexão em torno do livro de Fernando Henrique de Passos, resta-nos considerar que o sujeito poético manifesta a preocupação de ascender a uma totalidade, ou, pelo menos, a uma forma particular dessa totalidade. No poema intitulado «Em busca de uma teoria do Tudo», para além de deixar transparecer a preparação científica do autor, e para além de ser um dos poemas mais longos deste livro, é aquele que mais directamente revela o registo de uma discursividade de carácter teatral. Uma vez mais é o problema da materialidade do real que é posto em causa. A ênfase dramática é dada através do registo coloquial; é dada através do grito, esse grito, por vezes surdo, que está presente em todos os poemas deste livro. Na poesia de Fernando Henrique de Passos, o leitor desce ao fundo do abismo, mas também lhe acontece subir ao cume da montanha mais alta. É assim que se desenrola esta «depressão intermitente»: entre a luz e as trevas; entre o dionisíaco e o apolíneo; entre o sonho e o pesadelo; entre a saudade de um tempo passado e aquilo que resta dele. Este livro não se limita a ser apenas um livro de poesia. É também um testemunho impressionante acerca

do papel da condição humana na sua relação com o mal. O que fica para além das palavras é a própria esperança, talvez o sentimento mais útil e urgente que nos é dado sentir na hora presente

7 de Outubro de 2001

José Fernando Tavares

*À Teresa, minha Mulher
e minha companheira
no combate diário contra as trevas*

DOIS PRÓLOGOS

A PRETO E BRANCO

Os montes de neve são cortados por um riacho
De tinta da china.
É cinzenta a neblina.
Cães negros despedaçam uma jovem foca branca.
O seu sangue é preto
E corre pela neve.
A mãe dela chora, como deve,
Gélidas lágrimas alvinitentes.
Os cães estão contentes.

VECTOR NULO

Uma criança anda perdida no deserto.
Percorre há milénios os não-caminhos de areia.
Detém-se agora ante a magnificente esfinge
E faz-lhe uma pergunta.
O sol abrasador enche tudo de silêncio.
A criança escolhe uma direcção ao acaso
E continua a caminhar.

HORAS DE TREVAS

NÃO SER

Não sou mais que uma vertigem
Neste céu cor de fuligem.
Do cimo de arranha-céus
Sou a minha gargalhada
A espalhar-se pelos ares,
Roçando faces grotescas
Suspensas sobre o vazio.
Não sou mais que um arrepio,
A raiva de estar sozinho
No grande céu cor de chumbo.
Do cimo de catedrais
Sou o meu choro convulso,
Sou a repulsa incarnada,
O vento que me transporta
E, com fúria desusada,
Corrói arestas de casas.
Do fundo da minha vida
Ponho-me em bicos dos pés,
Salto muros e telhados,
E deixo sulcos cavados
Nas nuvens túrgidas de água.
E subo escadas sem fim,
À beira de precipícios
E passo, sem dar por isso,
A ser a própria loucura
Que me sopra nos ouvidos
O som da minha vertigem.
E eu subo, subo, subo
Pelas paredes rugosas
Deste céu cor de fuligem.
E sou o meu próprio ser
E grito no amanhecer –
Para a mim próprio me ouvir –
Que o céu negro vai ruir,
Que nunca alguém me irá ler
E que eu não estou a escrever.

IMPRESSÕES COLHIDAS NUM BAR

Movo-me, pesado, por entre a cegueira dos corpos materiais,
Manchas negras no negrume do espaço.
Sou outra mancha entre essas manchas,
Resíduo frio da matéria estelar que nos gerou.
O meu cérebro é uma névoa de febre entontecida
(Impossível articular qualquer palavra).
Os meus olhos tacteiam no escuro,
Em busca de um pouco de luz a que se agarrem.
Os meus dedos convulsos alongam-se no seio do ruído,
Em busca de palavras.
Os meus ouvidos bebem gargalhadas roucas
E o café sabe a agonia
E a água cheira a mortos.
Estertor dos sentidos –
Sinto demais o chão, as mesas, as cadeiras
E a opacidade dos corpos das pessoas.
Todos os cegos olham para mim.
Eu cerro os olhos numa fúria desmedida
E começo a rasgar a matéria circundante.
Espasmo da razão –
Por trás dos átomos surgem outros átomos,
Cada vez mais negros,
E nunca se encontra nada novo.
As minhas lágrimas, tão quentes como ferro derretido,
Abrem fendas no soalho e incendeiam-me a mesa de plástico.
PORQUE É QUE NINGUÉM GRITA?!
As chamas cor de pez projectam mais sombras sobre as sombras.
Os meus nervos são uma rede palpitante que invade toda a sala.
Sinto a letargia uníssona dos corpos.
As laranjas são grandes grãos dilatados de café.
Escorre carvão da máquina de sumos.
As chamas alastram sem consumir os corpos,
Brasas sobre gelo,
Bailado de fantasmas.
O seu negrume abre-nos fundas feridas.
Dor aguda – porque é que ninguém grita?
Drama ontológico –
De que são feitos os seres que vivem nesta sala?
Angústia gnoseológica –
Qual é a cor dos átomos das chamas?
Que estranhas forças amarram os objectos ao meu cérebro?
O criado negro de smoking serve vinho tinto muito escuro.
Tem o cabelo em chamas e não vê o gato preto
Que salta felino sobre a presa –
Uma jovem ruiva de olhos verdes,

Ainda a rir da morte de seu pai.
A confusão ocupa o silêncio trepidante e feito de ébano.
Entrou agora, aos trambolhões, o filho do gerente.
Sufoco com o fumo do cigarro que acendi há meia hora.
TRAGAM A NOITE!, que a escuridão deste dia excede tudo
E o universo está cansado de brilhar.

OBJECTOS MATERIAIS

Desde hoje de manhã que estou completamente estupefacto.
Olho, especado, as coisas que estão à minha frente.
A cama, as paredes, o armário,
Parecem-me singularmente estranhos.
Uma música repete-se incessantemente no interior da minha cabeça.
Levantei-me e fui até à casa de banho.
Fiquei petrificado diante do espelho.
Compreendi, de repente, o absurdo dos objectos materiais.
Quero desmontá-los, ver o que escondem por trás deles.
Ao mesmo tempo, tenho medo de os estragar.
(Ainda estou muito preso a certas convenções.)
Mas sei que o meu destino é desmontá-los,
Expor a nú os seus segredos.
Sei também que estou prisioneiro da sua localização muito espacial.
Só se eles deixassem de existir eu me entenderia a mim próprio,
Na minha inteireza,
Na minha nudez,
Na minha identidade completa.
A música continua, imperturbável.
São eles que fazem o espaço e o tempo.
Se os desmontasse, libertar-me-ia da prisão einsteiniana.
O acaso está nesta canção,
E, com ele, tudo o que há de mais profundamente livre.
Porque é que fico assim especado?
Não há nada que possa fazer?

Sei que se pegar num maço
E desfizer a parede,
Encontro de novo espaço,
Uma rede imperceptível
De átomos em vibração.
E se pegar numa faca
E rasgar meu próprio peito,
Dentro encontro o coração.
Não sei bem se inda o respeito,
Pois bate, surdo, a canção
Com que hoje fui acordar.
Serei louco se a escutar,
Mas eu quero desvendar
O que oculta o órgão mágico,
Esse músculo vermelho.
E, por isso, eu ajoelho,
Encosto o ouvido aos móveis,
Busco donde vem a música.
Quem me deixou esta pista?

Não o sei, por mais que insista.
Como seguir o novelo,
Que me guia pelo caos
Ordenado da matéria
Qual finíssimo cabelo?
Um objecto material
Está-se a rir e faz sinais.
Como vou eu entendê-lo?

48 horas mais tarde

A música calou-se.
Os objectos parecem-me cada vez mais imutáveis.
Tento sondá-los com as minhas palavras.
Não respondem.
Todos conspiram para me ocultar um grande segredo,
O único segredo.
Preciso de um fio de música
Que me conduza por entre eles.
Ligo um CD.
O meu corpo começa a balançar cadenciadamente.
Detenho-me e olho.
*Oh grande Bohr, oh grande Heisenberg,
Libertai-me da maldição de Newton e Einstein!*
Por onde devo começar?
O meu cérebro começa, lentamente, a aquecer,
Mas ainda está longe do ponto de ebulição de há dois dias.
Por trás do quadro, a parede;
Por baixo do tapete, o chão.
Uma faca para rasgar este cenário!
(Sinto-me completamente místico,
E embebido em vapores de não-sei-quê.)
Uma faca para rasgar este cenário,
Ou um pouco mais de poesia,
Para o dissolver...
Salto e rodopio sobre mim próprio,
Como uma pequena bola de borracha,
De encontro a todas as paredes.
Sirvam-me chá numa grande bandeja reluzente.
Tragam-me bolos.
Tragam-me o mapa deste labirinto,
Deste mundo sólido e insípido,
Desta grande cela almofadada
Onde guardam o louco mais perigoso.
Perdi há pouco um verso.
Sei que deve estar algures dentro de mim.
Eis-me especado,
Fitando uma estranhíssima cadeira.

Nunca me tinha apercebido... Como é estranha!
Se der uma volta completa em torno dela,
Volta a reaparecer-me exactamente igual!
Eis-me especado,
Fitando um estranhíssimo candeeiro.
Se ficar onde estou e lhe imprimir uma rotação de 360 graus sobre si próprio,
Volta a reaparecer-me exactamente igual!
Tudo isto oculta uma mensagem...
Oh grande Álvaro de Campos,
Empresta-me um pouco da tua metafísica!
Nunca mais chega a canção...
As coisas são todas tão banais na sua bizarria...
Conduzam-me pelo emaranhado de átomos,
Até qualquer origem!
Mas os átomos nem sequer existem,
São apenas sombras dos nossos pensamentos...
Regressou a tal canção.
(E logo agora, que o meu cigarro está no fim,
E é hora do pequeno almoço.)

MALDITA MATÉRIA!

Maldita matéria!
Dói-me a cabeça,
Dói-me a matéria com que penso a matéria,
Dói-me a matéria com que sinto a matéria.
Patti Smith tricota a camisola para o seu bebé.
Estou cercado de matéria.
Estou ocupado pela matéria.
A matéria com que penso segrega ideias platónicas.
Estou numa prisão de espaço-tempo.
A minha letra torna-se ilegível.
Patti Smith geme na estereofonia,
Mas não percebo o que me quer dizer.
Mudo de página e torno-me Pitágoras,
Quando havia muito menos para saber
E o céu era qualquer coisa de inteligível,
Como a minha caligrafia aos vinte e quatro anos.
Comovem-me as minhas banalidades
E os átomos escorrem-me dos olhos.
Se eu pudesse ver a minha alma...
Tenho um livro de Matemática aberto sobre a secretária
Mas escrevo poesia.
Patti Smith chora a morte de Humphrey Bogart.
Casablanca escancara as suas portas.
Dói-me a matéria da ponta dos dedos
De tanto cerrar esta caneta.

Faço
Estalar
O chicote
No ar,
Tentando
Fazer
O tempo
Parar.

“Merda!”, como disse Álvaro de Campos,
Minha única referência em literatura.
Um dia conhecerei todos os livros perdidos no escritório,
No meu aconchegado escritório,
E a minha caligrafia voltará a ser tão engraçada
Como quando eu tinha vinte e quatro anos.
À espera dessa hora, falo com a Patti,
Mas ela não ouve.

“Mierda!”, como disse Salvador Dali,

Minha única referência em artes plásticas,
Quando Gala lhe Morreu.

Ponham a música mais alto!
Os meus emes perdem pernas,
Caféina e nicotina,
Matéria mais que de sobra...
Diabos levem a redondilha maior!
Tenho no prelo um livro de poesia
E nos meus sonhos um tratado de Física.
Dêem-me uma licença sem vencimento,
Que eu faço parar o tempo!
Patti, o que fazes em Berlim?
O muro caiu, ficou a matéria.
A matéria não cai,
Segundo Lavoisier.
Einstein confirmou,
Com ligeira rectificação.
Somos todos prisioneiros.

Faço
Estalar
O chicote
No ar,
Tentando
Fazer
O tempo
Parar.

Não chores, Patti,
Todos temos os nossos sonhos.
Falta-me um relógio metafísico,
Como os que Salvador Dali ofereceu a Álvaro de Campos.
A dor de cabeça passou –
Ficou apenas a dor de matéria.

O SORRISO DA BORBOLETA

O sorriso da borboleta surgiu sem avisar no espelho negro
E esvoaçou por instantes em torno do meu rosto.
O azul das paredes tornou-se mais escuro.
Em letras prateadas, surgiu uma fórmula no ar.
Empalideceu a luz de néon.
Caíam frases secas, uma a uma, no papel.
Corou Gioconda de vergonha,
Ante o mais estranho dos sorrisos.

VESTÍGIOS

Ele era brilhante.
Agora está parado ante
A eternidade vaga e estranha das marés.
E cada onda que rebenta a seus pés
Lhe conta a história
De uma pretérita vitória.

RELATÓRIO

Eis o que sou:

Uma massa negra a palpitar de dor;

São estes o meu estado e a minha cor.

VÁCUO

Se o universo existisse,
Rasgava-o ao meio,
Como a uma velha carta de jogar.
Mas só existem sombras,
Fantasmas de sonhos,
Espectros de ideais,
Que um forte vento confunde e dispersa.

Pairo acima das folhas secas caídas das árvores.
Os meus pensamentos são sólidos;
O chão é de espuma
E chupa o sangue dos seres vivos.

Deve haver qualquer coisa que eu possa fazer.
Mas os meus pensamentos evaporam-se
E tornam-se tão vagos como esta vaga luz do amanhecer.

HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

O meu corpo é uma chaga
Que o mar alaga
A cada vaga.

Vou fazer uma jangada,
Fazer-me à estrada
De madrugada.

Vou embarcar numa vaga.
(Já o mar traga
Meu corpo-chaga...)

MEDITAÇÕES DE UM VAGABUNDO VISIONÁRIO

O universo é essencialmente negro.
A luz é uma ilusão,
Provocada por certas ondas electromagnéticas.
(As de determinado comprimento de onda.)
Quando compreendi isto, compreendi que era cego.
Desde então, procuro a verdade que nos é ocultada pelos objectos.
Os objectos interpõem-se entre nós e qualquer coisa de outro.
É a luz que não nos deixa ver.
Se conseguisse mergulhar na opacidade das coisas,
Voltaria à superfície com todas as verdades;
Veria que as minhas vestes não são andrajosas;
Que o meu cheiro não é pestilento;
Que a minha fome é saciedade.
Assim, agonizo nesta berma de estrada;
Cada moeda é a sopa do até amanhã;
Cada olhar desdenhoso, mais um calafrio.
Mas eu sei que o calor não existe,
E que, um dia,
Conseguirei separar-me do meu sistema nervoso,
E sentir o universo.

INFORMAÇÃO À FAMÍLIA E AOS MONITORES

Eu fico do lado de fora dos portões.

Passei o caminho de areias movediças;
Desbravei a floresta virgem;
Venci os íngremes desfiladeiros;
Sobrevivi no inóspito deserto;
E, finalmente, obtive a aprovação dos guardiões.
Mas fico do lado de fora dos portões.

SONOLÊNCIAS

Há um mundo de paz feito de fórmulas.
Repousa no interior de cada livro fechado
Em cada prateleira da minha estante.
Cada fórmula é tão perfeitamente estática...
No meu escritório respirar-se-ia um pouco dessa paz
Se eu tivesse a coragem de abrir um livro ao acaso
E deter-me numa página.
Nada compreenderia, é certo,
Mas soubesse eu saborear essa ignorância
E que efeitos benéficos não retiraria...
A confusão do mundo ou o plácido delírio de Pitágoras?
Que triste escolha...
Antes a calma fragrância da poesia.
Mas já não há poesia no que escrevo.
Devo então esperar o silêncio das madrugadas
E deixar-me adormecer no fofo chão de outono,
Como as folhas secas caídas das árvores.

A COR DAS COISAS

Percebo pelo tacto
Que a minha secretária é negra.
Negros são também os livros que sobre ela repousam,
E os cadernos,
As canetas,
E as minhas mãos, que em tudo pegam.

Negra é a música que me chega das colunas,
E as colinas
Que não vejo da minha janela.

Negra é a noite,
Como negro foi o dia;
Negra a minha alma
E negros os meus olhos de morcego
Que se deleitam nesta orgia
Que é a agonia
Do mundo cego.

MURMÚRIO

Está tudo a acabar,
No breve lamento do vento que passa
Deixando a terra sozinha a chorar.

O ÚLTIMO PASSO

O negro deu lugar ao vazio.
Que cor tem ele?
A música evoca tempos de esperança.
Outrora talvez verde. Agora amarelecida.
Nada do que me cerca é real. Só a minha angústia.
(E uma leve sensação de leveza dada pelo café.)
Sinto-me muito perto de desvendar o mistério das coisas,
De pôr a nú a sua vacuidade.
Acorda, oh cérebro meu inerte,
Prepara-te para a batalha derradeira!
Os objectos já só existem pelo apego que ainda lhes tenho.
Se pudesse desligar-me, então veria,
Mas não teria já com que escrever...
Último passo: deixar de ter vontade de escrever.

SEXTA-FEIRA SANTA

Cristo morreu às três da tarde.
O céu ficou negro
E o ar tornou-se muitíssimo pesado.
(Que difícil era respirar...)
Na face de Maria,
O suor ia juntar-se às lágrimas.
As gargalhadas dos soldados não se ouviam.
Eu olhava tudo do caos da minha secretária,
Com vista sobre o Gólgota.
Os dentes de ontem ainda estavam por lavar.
Entravam rajadas de chuva fumegante
Pela janela escancarada
Quando uma turba de judeus me arrombou a porta.
Crucificaram-me na ardósia negra do escritório
Por eu não ser circuncidado.
Até ao último estertor da agonia
Não consegui deixar de pensar
Nos dentes por lavar.

DOMINGO DE PÁSCOA

Não, Jesus não ressuscitou –
Jesus não chegou a morrer.
Espera ainda que nós,
Que o crucificámos,
O vamos retirar da cruz.

EM BUSCA DE UMA TEORIA DO TUDO

Olho especado a materialidade das coisas.
Tu olhas especada para mim.
Um ritmo obsessivo arrasta os meus dedos pelas teclas do computador.
O mistério profundo do tempo pode estar prestes a ser desvendado
(O meu computador pessoal pode fornecer o modelo perfeito da Grande Síntese.)
Dás-me mais um comprimido.
(Tens razão – a minha poesia é diarística.)
O candeeiro está exactamente na mesma posição de há dez minutos atrás mas a minha
[mente não.]
(Se eu soubesse dizer o que é a mente.)
– Não abras os cortinados, querida, quero penumbra.
O outro candeeiro está exactamente na mesma posição de há doze minutos atrás.
Só tu te moves na sala da Grande Síntese.
Tu e a minha mente.
(Se eu soubesse dizer o que é a mente.)
Não posso dizer que tenha avançado muito.
Talvez mais um café.
Era só o décimo quinto e um génio precisa de combustível.
Olho especado a materialidade das coisas.
Na sua perfeita imobilidade parecem querer transmitir-me qualquer coisa.
Olhas o que escrevo e voltas a fechar os cortinados.
– Obrigado, querida.
A penumbra cresce a cada minuto!
Quando chegar a meia-noite...
Não me digam que estou deprimido é a única maneira de olhar as coisas e de as
[compreender!]
O candeeiro está exactamente na mesma posição.
O outro também.
O CD também, mais ou menos.
Olho especado para tudo.
Estranho, a luz aumentou embora nos aproximemos do crepúsculo.
Alguma nuvem que se dissipou...
Tenho também que pensar em nuvens?
Gostava de me poder limitar a objectos sólidos e imutáveis e negros de preferência.
E à meia-noite, quando os céus se abrem.
Olho especado.
Falta tanto para a meia-noite...
Há uma luzinha verde que pisca na torre do computador.
Não gosto disso...
O candeeiro está imóvel.

Os meus dedos correm velozes pelo teclado do computador.
O outro candeeiro também está imóvel.
E tudo à minha volta.
Mas os meus dedos movem-se e imprimem pequenos movimentos para cima
e para

[baixo às teclas do computador.

Não gosto disso...
E depois as coisas ainda têm cores tão definidas...
Não gosto disso...
Quando voltarei a ver aquela amálgama preta?
Olho.
Espicado.
Gosto disso.
Auto-referência: não gosto do que escrevo.
As coisas embora estáticas ainda são demasiado distintas para que revelem o
seu

[mistério.

Se os meus nervos aguentarem até à meia-noite...
UM POUCO DE POESIA!
A música repete-se e divide-me.
Os pés sobem e descem desencontrados.
Agora entram em uníssono e nasce a harmonia.
Mas não a Grande Síntese.
É preciso ter paciência...
Esperar a meia-noite...
Há uns tempos conseguia ver o negro essencial das coisas mesmo de dia.
Agora nem ao crepúsculo.
Por mais que olhe.
E eu olho.
Espicado.
Sem pestanejar.
O ponteiro dos minutos do meu relógio moveu-se um pouco.
Não sei se isso é bom ou mau.
O ponteiro das horas do meu relógio permanece imóvel.
Não sei se isso é bom ou mau.
Preciso de um café diarístico.
Esse pelo menos é negro.
As minhas pernas diaristicamente despidas movem-se alternadamente para
cima e para

[baixo.

Continuam tão magras como sempre apesar da minha barriga diaristicamente
[proeminente.

Mas nada dá indícios de querer revelar qualquer mistério.
Que cansaço tão essencial...
E mal comecei a minha busca.
Olho especado a materialidade das coisas.
Recuso a luzinha verde que pisca.

RECUSO A LUZINHA VERDE QUE PISCA!

Recuso todas as equações de movimento.
As que aprendi e as que me faltou aprender.
O universo é essencialmente estático e negro e negativo.
E talvez redondo como uma grande bola de futebol esquecida pelos jogadores
em cima

[do relvado.

Recuso vitórias e derrotas.
O universo é um grande empate cósmico com todas as pedras paradas em
cima do

[tabuleiro de xadrez.

Mas as pedras de ambos os jogadores são negras.
Daí o balanço negativo.
A Grande Síntese começa a formar-se...
Quem são os jogadores?
Eu de um lado e tu do outro.
Deus conta o tempo mas perdeu o relógio.
A Grande Síntese começa a formar-se...
Onde está o relógio?
No meu pulso mas ninguém o vê –
Olhamos todos três especados para as peças que permanecem estáticas sobre
o

[tabuleiro.

A Grande Síntese...
O jogo acabaria à meia-noite...
Talvez a meia-noite de hoje se o meu relógio andasse mais depressa e a
irritante

[luzinha verde não piscasse.

Que cansaço cósmico.
Desfilam peões pela calçada.
Procuram meticulosamente o pérfido tempo.
Olham especados a materialidade das coisas.
Junto-me a eles.
Vamos em busca da derradeira meia-noite.
Seguem-nos as peças de xadrez e os jogadores de futebol negros.
E Deus fecha o cortejo com o seu grande manto negro.
Mas Ele sabe qualquer coisa que nós ignoramos.
Passamos por um grande prado verdejante ao meio-dia.
O sol apaga-se.
Os minutos e segundos começam a revelar-se como minúsculos seres
brilhantes.
Vêmo-los agora distintamente.
Começa a Grande Caçada.
Eles estrebucham estre os nossos dedos e morrem aos milhões.
Mas há qualquer coisa que Deus sabe e nós ignoramos.
Passamos por um grande palácio branco ao meio-dia.
O sol apaga-se.

Os centímetros e milímetros começam a revelar-se como minúsculos seres brilhantes.

Vêmo-los agora distintamente.

Começa a Grande Caçada.

Eles estrebucham entre os nossos dedos e morrem aos milhões.

Mas há qualquer coisa que Deus sabe e nós ignoramos.

Se já não há espaço nem há tempo porque é que a irritante luzinha verde continua a

[piscar?

Vejo-a de sítio nenhum em nenhum lugar.

O meu relógio é não-ser.

O meu computador é não-espaço.

Só existe a minha mente imóvel se eu soubesse dizer o que é a mente.

Mas há qualquer coisa que Deus sabe e que me esconde.

Olho especado a imaterialidade da pequena luzinha verde que continua a piscar.

Acendo o candeeiro na minha mente imóvel.

NÃO, A MINHA MENTE AINDA NÃO ESTÁ IMÓVEL!

(Há qualquer coisa que Deus sabe e que me esconde.)

Como é que posso continuar a pensar?

É TUDO CULPA DA LUZINHA VERDE QUE PISCA!

Deixo-me embalar uns segundos pela música.

QUE MÚSICA?! NÃO DEVIA HAVER MÚSICA!

Olho o meu relógio.

QUE RELÓGIO?! NÃO DEVIA HAVER RELÓGIOS!

A minha mente imóvel segrega lágrimas de raiva.

Ainda falta muito para a meia-noite...

Eu, a minha mente, as minhas lágrimas, o meu relógio e a luzinha verde que pisca...

Consegui simplificar drasticamente o universo...

Aproxima-se a Grande Síntese.

Há também um candeeiro aceso.

Outro, apagado.

E o meu computador, que alimenta a pequena luzinha verde que pisca.

– Obrigado pelas calças do pijama , querida.

Já não há muitas coisas...

Aproxima-se a Grande Síntese.

Talvez a música seja a última coisa a desaparecer.

Podia acabar já com ela mas tenho preguiça de carregar na tecla.

QUE TECLA?!

Sim, também há teclas – fazem parte do meu computador.

Sinto que se bebesse um último café realizaria a Grande Síntese.

Vou experimentar.

Faço reaparecer uma chávena.

Sinto que se fumasse um último cigarro realizaria a Grande Síntese.

Vou experimentar.

Faço reaparecer o maço e o isqueiro.

Parece que estou a recuar.
Agora reaparecem as janelas e os cortinados.
A CULPA NÃO FOI MINHA!
Recosto-me na cadeira.
Não devia haver cadeiras, eu sei...
A culpa é minha –
Estou demasiado cansado para esperar pela meia-noite e tenho de ir à casa de
[banho.

A OBSESSÃO CONTINUA

Tento imaginar os objectos como eles são.
Senti-los, não vê-los
(São massas negras imersas num plasma negro).
Fecho as luzes do meu escritório.
Há uma frincha de luz debaixo da porta.
A música é o único objecto móvel.
Volto a acender as luzes.
NÃO HÁ NADA DE INTERESSANTE PARA DIZER?

Na sala vazia
Do velho castelo
Dança todo o dia
Um polichinelo.

Foi há vinte anos.
Vinte anos em busca do conhecimento
(Sem me esforçar muito),
Para concluir que tudo é negro e informe.

Como é possível
O movimento
Se estamos presos
Neste cimento?

Foi agora.
É preciso concluir que
A REALIDADE NÃO EXISTE.
(Mas apresenta-me as contas da água, da luz e do telefone.)

LIÇÃO DE COSMOGONIA

Quando Deus teve a ideia da Criação,
Não pôde reprimir uma estrondosa gargalhada.
Foi assim que teve origem o Big Bang.

HORAS DE COMBATE

LUZ E TREVAS

Ninguém sabe o que sabemos...
Tantas vezes renascemos
Que parecemos novos Cristos...
Tantos golpes que sofremos...
Tantos combates vencemos,
Contra bruxas, contra demos,
Como nunca foram vistos...

Pode ser tudo ilusão,
Pode estar certo Platão:
Serem sombras o que vemos,
Sonho tudo o que vivemos.
Mas muita coisa é segura:
Eu existo e tu existes;
Eu sou puro e tu és pura;
Às vezes, andamos tristes,
Outras, cheios de alegria;
Encontrámo-nos um dia,
E casámos em Fevereiro;
Vamos no mesmo caminho,
Nicolau por padroeiro;
Os nossos lençóis de linho
Guardam os nossos segredos;
Temos Fé mas temos medos;
Sabemos que há Bem e Mal;
Que o Bem vence no final;
Não sabemos onde estamos,
Sabemos que nos amamos.

FEIGENBAUM NETWORKS

O espírito é mais forte que a matéria?
Revolta dos meus actos contra mim,
Sob as ordens dos átomos do cérebro!
Em que recôndito lugar se oculta a alma?
O que se esconde por trás dos corpos sólidos?
Quero virar o espaço do avesso
E descobrir as linhas que o coseram,
Mas nem a mim próprio eu me conheço.
Quero saber quem manda em mim,
Se sou eu, o meu corpo ou o Além,
Mas a resposta nunca chega, nunca vem.
Decido então deter o pensamento,
E passo a pensar com os sentidos.
(E tudo à minha volta é movimento
E eu marcho ao sabor do batimento
De um coração que é de carne mas que é meu –
E nunca mais farei parte dos vencidos!)

CAVALEIRO ANDANTE

Pego na espada e elevo-a,
Mas vejo tudo através de uma névoa.

Não sei se é de noite ou se é de dia,
Nem sei da mensagem que trazia.

Mal sei dizer como cheguei aqui,
A estas terras que nunca antes vi.

Mal vejo o inimigo que combato:
Só vejo o medalhão com o teu retrato.

Mas o Grande Adversário olha-me do espelho,
Os olhos raiados de vermelho.

E eu pego na espada e elevo-a,
E vejo, num repente, dissipar-se a névoa.

Vejo-te a meu lado, dormindo sob a lua.
Recordo que a mensagem era tua.

Recordo a viagem que fizemos,
Todos os locais onde estivemos.

Então, quebro o espelho, quebro a maldição,
E aperto contra o peito o teu medalhão.

Vejo-te acordar, sorrir ao de leve;
Agora, o nosso regresso será breve.

Pego na espada e meto-a na bainha:
Já penso no próximo combate, oh Rainha!

AS NASCENTES DO NILO

Uma falena de luz
Vem e poisa-me na mão,
Quando eu quase me afundava
De novo na escuridão.

“Abre os olhos, olha em volta”,
Segreda-me ela baixinho.
E a luz que dela se solta
Traça no escuro um caminho.

A luz espalha-se em ondas,
Aquece o meu corpo frio,
E recomeço a escalada
Pelas margens do meu rio.

“Não pares, não pares mais!”,
Diz a luz vibrante e quente.
E agora só vou parar
Quando alcançar a nascente...

CONTRA OS VENTOS DA HISTÓRIA

Fomos dar três rosas brancas
À Santa Mãe do Senhor.
Junto à imagem antiga
As fomos nós dois depor.

Sozinhos na grande igreja
De paredes nuas, grossas,
Imóveis no ar silente
Depusemos as três rosas.

Fomos dar três rosas brancas
À Santa Mãe do Senhor.
Um vento agreste de inverno
Lhes roubara toda a cor.

Cansados da caminhada,
Cobertos os dois de lama,
Junto à imagem antiga
Acendemos uma chama.

Fomos dar três rosas brancas
À Santa Mãe do Senhor.
Eram três rosas singelas,
Mas eram nosso penhor.

De joelhos no lajedo,
Rezámos uma oração.
E tu tremias de frio,
E eu beijava-te a mão.

Fomos dar três rosas brancas
À Santa Mãe do Senhor.
No centro do vento agreste
Ela era luz e calor.

A igreja já desabara,
Ficámos três de pé:
Eu tu e a Virgem Santíssima,
A força da nossa Fé.

Fomos dar três rosas brancas
À Santa Mãe do Senhor.
Vacilava a nossa chama,
Tão frágil como uma flor.

Serenou-se o forte vento
A um gesto de Sua mão.
E já não estávamos sujos,
E cansados também não.

Fomos dar três rosas brancas
À Santa Mãe do Senhor.
E nem a fúria do vento
Se nos conseguiu opor.

Ergueu-se de novo a igreja,
A um gesto de Sua mão,
E ergueu-se mais alta a chama –
Nada se passara em vão.

Fomos dar três rosas brancas
À Santa Mãe do Senhor.
Regressámos à noitinha,
Os corpos cheios de amor.

Voltaremos lá mais vezes,
Sempre que haja tempo incerto,
Para combater com rosas
Ventos vindos do deserto.

CONTRIÇÃO

Meu amor, amo-te tanto,
Que quase parece encanto
Que amor assim possa haver.
Mas, meu amor, eu, no entanto,
Tenho horas em que (meu espanto!)
Só te sei fazer sofrer.

Meu amor, quase desfeito,
Eu venho, de mão no peito,
Em gesto de contrição,
Pedir, meu amor, que esqueças
Essas horas, e que peças
A Deus que me dê a mão,
Como eu te peço perdão.

TRANSIÇÃO DE FASE

Qualquer coisa se está a passar.
As cores que se banham no gelo do ar
Quase me dão vontade de chorar.

O meu espírito muda minuto a minuto.
Olho as paredes de mármore do palácio, resolute,
E regresso à busca do absoluto.

E a Virgem Maria olha por mim,
E eu embrenho-me nos caminhos do seu jardim,
E agora sei que vou chegar ao fim!

NATAL 99

Pai Natal, oh Pai Natal,
Traz contigo o Deus Menino!
Não tragas cartões de crédito,
Não tragas brindes, descontos,
Não tragas taxas e pontos,
Não tragas prémios, vantagens,
Automóveis e viagens.
Não mostres mulheres despidas,
Seduzidas por perfumes.
Não acenes às crianças
Com espingardas, bombas, gumes,
Capazes de espedaçar,
Nos écrans dos jogos vídeo,
Homens como tu e eu.
Pai Natal, o Ano Novo
É ano de Jubileu;
Pai Natal, tenta lembrar-te,
Já foste são Nicolau.
Vai ver as ruas sem luzes
Do fim das grandes cidades;
Vai ver quem dorme ao relento
No duro chão de cimento
Dos tristes jardins que temos;
Vê os grandes continentes
Onde não há de comer;
Vê o ódio, vê a guerra
Alastrando pela Terra...
Chora, se ainda és capaz,
E depois enxuga os olhos
E vai lá a cima e traz
Aquele que tem nas mãos
O fio do nosso destino...
Traz a festa, traz calor,
Traz a Graça, traz o Amor –
Traz contigo o Deus Menino...

31 DE DEZEMBRO DE 1999

Eu decreto já p'ra hoje
O princípio do milénio.
Não posso esperar mais tempo,
Tenho pressa de nascer
De novo das minhas cinzas.

Abram as portas do Templo
(As grandes portas douradas),
Dêem início ao rito,
O rito de luz e fadas
Que conduz ao infinito.

Soam doze badaladas...
Abrem-se os olhos de espanto,
Sobe aos céus o nosso canto
De gratidão e louvor.

E o tecto muda de cor,
E nascem-nos asas brancas,
E somos como crianças
Para quem tudo é esplendor...

ÍMPETO

Eu olho as águas revoltas
Do rio que vou a passar,
Cansado de andar às voltas
E sem alcançar o mar.

Eu olho o céu cor de chumbo
Do país onde nasci,
Cansado de não saber
Porque nasci eu aqui.

Eu olho a terra rasgada
Pelo raio trovejante,
Cansado de sarar feridas,
Cansado como um gigante.

E, então, ergo-me e grito
Que é já tempo de lutar,
E mergulho neste rio
Que me irá levar ao mar.

OITO QUATRO EM ZERO ZERO

Acendo um cigarro;
O fumo traz-me um sabor de um outro ano.
O ar tem textura oitenta e quatro,
A luz tem transparência oitenta e quatro,
Os meus pensamentos, cadência oitenta e quatro.
Que fazer deste ano tão distante,
Das suas vitórias de papel de seda,
Do seu som de cristal frágil demais?
Com papel de seda embrulho o copo de cristal
E guardo-o numa caixa que diz noventa e três,
E junto dois zeros e faço um infinito
Onde cabem todos os anos que hão-de vir.

LISBOA, NUMA NOITE DE INVERNO

Vamos pelas frias ruas
Do inverno da cidade.
Candeeiros e faróis
Riscam o negro da noite –
Pontes para o esquecimento,
Pontos do meu pensamento,
Incrustados no caudal
Frio e distante do vento.
A lua, torta e tombada,
Está-se a rir à gargalhada
De nos ver passar assim,
A sofrer e sem saber
A natureza do mal
Que nos tolhe e nos arrasta,
Incrustados no caudal
Lento e sólido do vento.
Mas eis que do fio cinzento
Do lento correr do tempo
Vem destacar-se um momento:
Sobe no céu uma estrela
E tu olhas e, ao vê-la,
Viras-te toda p'ra mim,
E eu leio nos teus olhos
Que há infinitas razões
P'ra vaguearmos assim
De noite pela cidade.
E no frio negro da noite
O calor do teu sorriso
Soletra: fe-li-ci-da-de.

O SEGREDO DOS DEUSES

Tu, oh louco tresmalhado,
Tu, fugido do hospício,
Vem comigo caminhar
À beira do precipício.
Lá, onde o vento nos gela,
Iremos pôr uma vela
Acesa por nossas mãos.
E seremos dois irmãos
Na vertigem das escarpas.
E em frente da chama acesa
Faremos um ritual.
E tu parecerás normal.
E, pegando num cristal
Trazido da planície,
Desse cristal comeremos,
Gengivas a escorrer sangue.
E um anjo virá contar-nos,
Chamado por esse sangue,
A história do universo
No antes do Big Bang.

EXORCISMO

Afastai-vos, espectros que obnubilais a minha mente,
Eu quero ser gente!
Vidros disformes deformam formas gigantescas.
Faces grotescas
Esborracham-se do lado de fora das janelas
E escancaram as goelas.
Que bruxa convocou estes sórdidos palhaços
Que se passeiam nos meus Paços?!
Venha o padre, venha o exorcista,
E afaste os monstros da minha vista!
Quebre-se o sétimo selo
E venha a tempestade lavar as áleas do castelo!
Serene-se enfim a minha mente,
E possa eu voltar a ser gente,
E encher o livro em branco que me espera
Ainda antes da nova Primavera!

O GRANDE DESAFIO

*They tell me my life is about to begin,
They tell me that I am a hero.
Peter Gabriel*

Chegou o momento decisivo.
Desde que vivo
Aguardo este momento.
Chegou o tempo
De me erguer,
Descer ao fundo de mim mesmo
E combater.

O LATEJAR DO DESTINO

Oh sonhos meus que vos desmoronais,
Sabei que amo cada vez mais
A minha amada.
Tornastes-vos numa casa abandonada,
Mas eu e ela vos reconstruiremos
E vos habitaremos,
E vós habitareis em nossas mentes,
E exóticas sementes
Germinarão em vossos jardins,
Fazendo estiolar as ervas ruins.
E plantas fabulosas
Crescerão até alcançar as nebulosas,
E por elas descerão anjos de vestes cor-de-rosa
Para abençoar a nossa ditosa
Vida a dois.
Depois,
Vós petreamente brilhareis
E sereis visitados por monges e por reis
E por virginais princesas
E por rainhas indefesas.

Oh sonhos de grandeza, fazei vir à superfície a vossa cor,
E fundi-vos com o nosso amor.
Vós sereis naves
E nós, aves,
E juntos viajaremos até espaços sublimes,
Onde vós, oh sonhos meus, não sereis olhados como crimes.
Gritai de revolta
E olhai à vossa volta –
Em todo o lado nos vereis, a mim e à minha amada,
Pois nada mais existe, nada;
O universo está em nós,
E nós, em vós,
E o nosso grito
Ecoará até ao infinito.

INVOCAÇÃO

Só o amor pode salvar.
Deixai, pois, que os nossos corpos se aproximem,
Que a carne entre na carne,
Que a alma toque a alma,
Até que o espasmo dê lugar à calma;
E que os nossos olhos fixos possam ver
Todas as verdades circunscritas
Na luz do amanhecer.

FÍSICA E AMOR

A física quântica é tão estranha,
Tão estranha e tão bela ao mesmo tempo...
Mas falta-me o alento
Para tentar a façanha
De desvendar o seu mistério etéreo.

Amor, se te pudesse revelar a beleza
Que jaz envolta em fórmulas sobre a minha mesa...

Mas, amor, tu podes ajudar-me:
Nunca te arrependas de me sacudir a sonolência
Com os teus beijos e carícias;
Enfrenta-a, vence-a,
E conduz-me pela mão até à minha mesa,
Para que eu mergulhe de novo na física quântica,
E na sua beleza!

A FADA BRANCA NA CIDADE NEGRA

A cidade era toda de basalto.
No centro, um castelo feio e alto
Vigiava.
A cidade era feita sobre lava;
Às vezes, a terra ainda tremia.
Na cidade nunca era de dia.
Os corvos enchiam o céu penumbrento.
Nas árvores não se via um só rebento –
Ali nunca era
Primavera.
Mas tu trouxeste uma varinha de condão,
Ergueste a mão
E abriste as portas da cidade.
CLARIDADE!
O basalto transformou-se em calcário.
Mudou todo o cenário.
Os corvos deram lugar a rouxinóis.
Um fulgor de mais de mil sóis
Fez as árvores desabrochar.
Subtis perfumes encheram o ar.
O feio castelo transformou-se num jardim
Feito para ti e para mim.
Aí fomos coroados rei e rainha –
E tudo aconteceu por tu não recusares ser minha.

QUEDA E ASCENSÃO

A minha poesia
Vai ficando mais informe.
Perde rima, ritmo, harmonia.
Mais informe, o mundo, o universo.
Mas um anjo trouxe-me uma estrela
Com um verso
De redenção e alegria.

CANTIGA DE AMOR

Ficas tão bonita
Quando estás mais triste...
Digo-te: "resiste...",
E tu dás-me um beijo.
Eu também estou triste,
De te ver tão triste,
E nem estou contente
De te ver bonita,
Pois tu já o eras
Antes de estares triste...
Então dou-te um beijo,
Como tu me deras.
Tu ficas aflita,
Julgando-te feia
Desse teu ar triste.
Mas logo eu te digo:
"Ficas tão bonita
Quando estás mais triste..."

ARCO-ÍRIS

A Sigmund Freud

Branco e negro dão cinzento,
Ao repetirem-se alternada e velozmente.

Só um prisma produz cor.
As suas faces devem ser: trabalho e amor.

SHE DEVIL (ANOTHER BAR)

Nos hospitais também há bar,
Mas não se pode fumar.
Somos todos grotescos,
Como cadáveres recentes de leprosos.
Disformes, horrorosos,
Os pacientes fazem fila, em pé,
Para o croissant e o café.
Mas eis que surge uma médica,
Muito jovem e impossivelmente bela.
O cheiro a éter
É varrido por um cheiro a canela.
Senta-se.
As pernas, descobertas,
Estão ligeiramente entreabertas.
Desvendo o seu segredo
Quando lhe adivinho
Os chifres, os cascos, o rabinho.
Faço o sinal da cruz.
Há um clarão de luz,
Desaparece a bruxa,
Deixando a meio o croissant.
Mas será negro o resto da manhã.

HORAS DE LUZ

HINO À VIDA

Amor, trabalho, oração...
De que precisamos mais?
O sol brilha na janela –
Porque não vos alegrais?

O Paraíso é aqui,
Se quisermos, tu e eu.
Temos tudo o que é preciso –
Tu és minha e eu sou teu.

E temos grandes tarefas,
Que não nos deixam sofrer –
Só sofre quem nunca tem
Coisa alguma p'ra fazer.

E, das alturas do céu,
Nossos Pais celestiais
Enviam raios de sol.
– Porque não vos alegrais?

ALEGRIA

Paz no meu corpo
No meu escritório
Sonhos de beijos
Ao despertar
Sol quase inverno
Pela janela
Do meu trabalho
Do teu trabalho
Na sala ao lado
Encontro a estante
Leio os teus olhos
Vem-me acordar
Diz que é verdade
Fala da paz
Do meu escritório
Do teu escritório
Quero escutá-la
Quero escutar-te
Acende a luz
Já é de dia
Mais alegria
Mais alegria!

CONSTRUÇÃO

Vou erguer um palácio neste lugar,
No centro do vale, onde o vento
Não possa chegar.
Verdes serão suas paredes,
Da cor do mar,
E tão altas suas torres
Que só tu as possas alcançar.

Vou erguer um palácio neste lugar,
No centro do tempo,
Onde o espaço
Passa devagar.
E tu trarás no regaço
Rosas de tocar.

Vou erguer um palácio dos escombros da cidade.
Tu serás a eternidade
E eu o infinito
E haverá um grito
Permanente por entre os raios de calor,
Por entre os raios do luar –
O grito de veludo do amor,
O grito de espuma do amar.

REVELAÇÃO

Foi-me hoje revelada
A mais profunda de todas as verdades:
Um anjo segredou-me
O tamanho incomensurável da nossa estupidez.
Corri até à janela.
O verde da relva pareceu-me mais verde.
O azul do céu pareceu-me mais azul.
O dourado do sol pareceu-me mais dourado.
Respirei fundo.
Afinal, ainda há lugar para os mistérios.

TETRALOGIA

O Espírito Santo está nos raios de sol do meio-dia;
A Virgem Maria, na mulher que desposei;
Jesus Cristo, no padre que oficia;
Deus Pai, em todo o lado, porque é Rei.

LIBERDADE

Afastem as nuvens,
Deixem-me passar,
Que eu já tenho asas
E quero voar.

Deem-me instrumentos
Para que eu construa
Uma grande escada
Que me leve à Lua.

Entro nesta nave
Que são os meus versos
E vou à procura
De outros universos.

Afastem as nuvens,
Deixem-me passar,
Que eu já tenho asas
E quero voar.

AMOR-PERFEITO

O nosso amor
É tão perfeito...
Nasce no peito
Muito calor
Que então se estende
À nossa volta.
Suspiros solta
A noite, e entende
Que é dos amantes,
De mais ninguém.
Sem tempo, sem
Depois nem antes,
O nosso amor
Inclina a haste
O quanto baste
Para o fulgor
Dos corpos nossos
Brilhar no ar;
Ondas do mar
Em fundos poços
(Os nossos olhos)
Erguem sargaços
E os nossos braços
Colhem aos molhos
Flores delicadas
De mil aromas,
E enchem redomas.
Choques de espadas
Acendem luz.
E, de mansinho,
No seu caminho,
Com seu capuz,
A noite avança,
A noite treme,
A noite geme
Da minha lança.
Vem a magia,
Depois o sono
E o abandono.
Um novo dia
Espera por nós.
Deus, lá em cima,
Benze esta rima –
Não estamos sós.

ESPLANADA SOBRE A PRAIA

Os corpos luminosos dos cães brancos
Cavam sulcos na manhã da praia.
O excesso de luz embriaga-nos um pouco.
A areia reflecte, como um espelho, o sol.
As direcções cruzadas dos galopes
São sabres esgrimindo por uma donzela moira.
A claridade doira
Os nossos beijos fugidios
Como os de dois rios
Que se cruzam por instantes,
E o mar faz de nós dois navegantes.

AMOR-ALEGRIA

Amor-alegria,
Fim da dor, poesia.
Os teus doces lábios
São como astrolábios
Segredando rotas.
O teu corpo inteiro,
Do cabelo aos pés,
É como um tinteiro
Onde vou beber
Tintas coloridas.
Tenho sete vidas
E não sei, sequer,
Qual pintar primeiro.
O teu corpo inteiro
É como que um ninho
Aonde eu me aninho,
Feliz de te ter.
Corpo de mulher –
Que coisa tão linda!
Eu não sei ainda
O que foi que fiz
Para te merecer.
Sei que és vida e cor,
Amor-alegria,
Fim da dor, poesia!

LUZ BRANCA

Teresa,
Do interior da paz do meu escritório,
Quero enviar-te uma mensagem.
Será escrita no mais branco dos papéis,
Com tinta verde cor das árvores.
Falará de uma luz muito diferente
Daquela luz negra que ontem me cegava.
Nela ressoarão infinitas palavras de amor
E uma eternidade de carícias.
Contar-te-á como os nossos sonhos mais loucos se realizarão.
Explicar-te-á como as nossas penas vão cessar.
Soprará ventos benfazejos a fazer ondular férteis searas.
Espelhará vastos oceanos tranquilos,
Altas montanhas cobertas de neve virginal.
E dir-te-á como chegar àquela estrela tão longínqua
Que só o nosso olhar alcança.
Conterá uma única palavra:
Esperança.

ACIDENTE (A COR DO SANGUE)

O teu grito suspendeu a corrente negra
Que me atravessava o cérebro.
Deixei de olhar para mim –
Estavas estendida por terra
E o teu sangue era vermelho.
Para quê metáforas? –
O teu sangue era vermelho!,
E corria da ferida aberta no teu corpo.
O teu sangue era vermelho
E lavou o negro dos meus átomos.
Não fora em vão que o derramaras...

MILAGRE DO SOL - I

É treze de Maio
Do ano dois mil.
Levanto-me e caio,
Estou muito febril.

Ergo-me do chão,
Vou até à mesa.
Rezo uma oração
E penso em ti, Teresa.

Surge o sol no Sul
E não no Oriente.
O céu é azul,
Já não estou doente.

MILAGRE DO SOL - II

O sol entra através da janela do escritório.
A sua luz vem colar-se
A cada livro, cada caderno, cada pedacinho de papel.
As recordações na prateleira superior da estante
Ganham luz própria.
Na pequena moldura, sobre a mesa,
O teu sorriso tomou cor.
Abriram-se as flores já quase murchas.
O quadro branco e reluzente espera novas fórmulas,
Que venham vibrar como palavras.
Até Kafka, na parede à minha frente,
Parece rir.
Quase a seu lado, a imagem da Virgem
É puro mel.
Todas as coisas recuperam
A sua forma e o seu local.
Do lado de fora da janela,
Tudo é Primavera.
E tudo gravita em redor do teu sorriso sobre a mesa...
Que fantástico palácio surgiu da escuridão...
A porta está aberta – podes entrar, princesa!

DOIS EPÍLOGOS

POEMA (QUASE) FINAL

A Camilo Pessanha

Há no ar um perfume de erva fresca;
Há nos pulmões uma ânsia de sorver a vida;
Há nos olhos uma inundação de luz;
Há nas orações um fervor de séculos;
Há nas catedrais um brilho de milénios;
Há no repicar dos sinos uma música divina.

Os êxtases dos místicos vêm perturbar
Os zumbidos dos computadores dos homens de negócios.
As máquinas recusam-se a somar cifrões
E passam só a contar estrelas.
Os poetas dão as mãos aos camponeses –
Juntos marcham cantando sobre o Parlamento.
Os soldados recusam-se a atirar,
Deitam ao mar as espingardas
E seguem a grande multidão.

Há nos livros uma vibração de letras e palavras;
Há nos espaços siderais um revoltar de astros;
Há canções nos espaços verdejantes;
Há abraços entre pecadores e santos;
Há espanto nos olhos das hienas;
Amenas tardes de verão
Vão ocupar o inverno.
E o Padre Eterno estende a mão, e...

A SOMBRA DO LAGARTO PROJECTA-SE SOBRE O CORPO NÚ DA
MULHER CAÍDA DE COSTAS ENTRE MACIÇOS DE ERVA VERDEJANTE

O lagarto aguarda o sol do meio-dia,
Olha a mosca poisada à sua frente sobre a rocha
E ouve o uivo distante do chacal.
A árvore vigia.
Nada pode correr mal.